

Mentes perigosas

Tumar Minter/Unifae/USF*

MENTES perigosas. Direção: John N. Smith. Produção: Jerry Bruckheimer e Don Simpson. Intérpretes: Michelle Pfeiffer; Courtney B. Vanice e outros. EUA: Buena Vista Pictures; Hollywood Pictures; Don Simpson/Jerry Bruckheimer Films, 1999. DVD.

O filme “Mentes perigosas” (*Dangerous minds*), dirigido por John Smith e estrelado por Michelle Pfeiffer, apresenta para discussão um recorte da educação pública americana na década de 80. Na história, a professora LouAnne Johnson (Michelle Pfeiffer), que ministra literatura na Parkmont High School, vê-se diante do desafio de assumir uma classe de alunos excluídos.

Os alunos da turma são todos negros e latinos que foram agrupados naquele espaço, numa espécie de inclusão marginal. Nesse ambiente formou-se um gueto da escola, local para namorar, ouvir música, cantar, dançar e fazer o que bem entendessem, com a certeza de que nenhum professor poderia convencê-los ao estudo do currículo oficial.

O filme inicia com uma música (*rap*) e vários grafites em paredes. O grafite e o *rap* são formas de contestação da juventude americana pela sua situação social vivida nos guetos (onde vivem negros e latinos).

A escola como instituição social deve atender a todos, ou seja, ser pública de fato. Na *high school* americana a segregação acontece internamente, com os negros e latinos, muitas vezes, sendo colocados em uma classe para alunos “desajustados socialmente”.

Segundo Nóvoa (1991), a escolarização cria normas de domínio do corpo e assimilação de regras morais, que transformam o comportamento individual e social dos homens, transformando-os em homens “civilizados”. Para Norbert Elias (1994) essa formação social é a “civilização dos costumes”, que prepara a criança para o mundo adulto e determinando procedimentos e técnicas para esquadrihar, controlar, corrigir os indivíduos para torná-los dóceis e úteis.

No filme, a assessora de direção entrevista a nova professora trazida por Hal Griffith (George Dzundza), um professor, que aparenta estar cansado e absorto às normas da escola. Conformado com a situação a que está inserido, leva sua vida sem muitas novidades ou perspectivas. A assessora entrega apenas o currículo, os horários, entre outros documentos e normas sem nenhuma explicação ou discussão, explicitando o modo de gestão burocrática da escola.

O momento da contratação da professora

LouAnne Johnson, interpretada por Michelle Pfeiffer, mostra uma assessora da direção completamente descompromissada com o processo seletivo e com a escola. Nesse momento vale ressaltar o texto de Huberman (1995) e a sua referência ao ciclo de vida dos professores. Essa assessora parece estar em um momento de desinvestimento amargo, pois encara sua tarefa como uma obrigação e não tem o menor prazer em buscar uma solução para os problemas de sua escola. Tendo como referência o texto de Fiorentini et al. (2002), fica claro que o professor não estando preparado adequadamente acaba repetindo os saberes de sua formação, não consegue o domínio da turma e acaba desistindo da profissão, ou dos alunos, prematuramente, principalmente quando enfrenta uma realidade social como a apresentada no filme.

A nova professora da turma, no primeiro dia de sua aula, tenta iniciar a aula de Inglês, mas a turma se mostra totalmente indisciplinada. A maioria dos alunos ignora a sua presença e outros a desafiam fazendo colocações agressivas e intimidando-a.

A partir do comportamento dos alunos no filme, pode-se dizer que os interesses dos adolescentes de hoje são outros, isso em decorrência das transformações sociais e econômicas pelas quais o mundo vem passando. Novos hábitos são incorporados através da mídia, internet, jogos eletrônicos, entre outros. A família nem sempre é o ponto de referência, imperando muitas vezes o individualismo (Fiorentini; Nacarato, 2005).

Nesse sentido, é possível perceber que ser professor atualmente não significa somente dominar conteúdos e transmiti-los à classe. Há um processo histórico de aumento das exigências em relação ao trabalho docente. É preciso que o professor consiga a atenção dos alunos, facilite a aprendizagem, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, enfim, mais responsabilidades. Assim, o docente sente-se inseguro, pois constata que a realidade de ensino não corresponde ao idealizado (Nóvoa, 1995). Ser professor hoje requer, então, muito mais do que lhe foi oferecido na sua formação inicial.

* Endereço para correspondência:
E-mail: gisellih@bomjesus.br

Esse dilema, continuar lecionado ou desistir, é algo que se faz presente na profissão docente. Tornam-se cada vez mais evidentes os sinais de descontentamento dos professores.

De acordo com Lüdke e Boing:

não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e sobretudo de respeito e satisfação no magistério hoje. A crise dos professores se arrasta e eles se mostram insatisfeitos e sem perspectivas de melhoras a curto prazo. (Lüdke; Boing, 2004, p. 1160)

Esse mal-estar (efeitos negativos que afetam a personalidade do professor) que atinge o professorado, segundo Nóvoa (1995), traz como conseqüência, entre outras, elevados índices de absentismo e abandono.

Em desabafo com o professor Hal Griffith, a personagem LouAnne Johnson diz que não pode dar aulas para aqueles alunos. O professor menciona que foi ela quem quis dar aulas e que eles são jovens passionais, inteligentes, desafiadores, especiais, mas com problemas sociais. Orienta que, para ela poder dar aulas, deve conquistar a atenção deles, lançando o desafio; é desistir ou enfrentar os problemas.

No cotidiano escolar, essa situação ocorre todos os anos no início do período letivo, com novas turmas e séries. Esse desafio permanece diariamente no trabalho do professor que busca se superar.

A professora, então, tenta buscar nos livros e manuais de disciplina a ajuda necessária para resolver seus problemas. Percebe que não consegue respostas prontas. Pensa e reflete sobre o que fazer, muda de vestimentas, decide enfrentar o desafio e, para isso, desenvolve novas estratégias.

No contexto do filme é necessário visualizar o professor como um ser social e histórico, compreender como ele se insere na sociedade atual que ora impõe situações adversas de trabalho ora exige uma formação capaz de dar conta das mudanças desta sociedade.

De posse de novas estratégias pessoais, não encontradas em livros, LouAnne retorna no segundo dia de aula, tentando captar a atenção de seus alunos, e revela sua história de vida. Em momento algum deixa de dar *feedbacks* aos alunos, valorizando pequenas ações deles.

Para chamar a atenção, muitas vezes, o artifício é achar novos caminhos, fugir do currículo fechado, inovar nos atos e nas palavras, transmitir confiança e deixar claro o potencial de seus alunos. É essa a atitude tomada pela professora LouAnne. Entretanto, é advertida pelo diretor da escola, que solicita que ela siga o currículo da Secretaria da Educação e os

regulamentos da escola, mesmo sem concordar com eles, ameaçando-a com um processo disciplinar.

Na escola, o panorama era de total abandono. Não havia infra-estrutura mínima e as condições de trabalho eram péssimas. No decorrer das aulas, LouAnne começa a chamar a atenção dos seus alunos. Ensina poesia, não seguindo literalmente o currículo escolar. A professora adota estratégias de estímulo, oferecendo premiações pelas tarefas cumpridas, estimulando os alunos sempre que necessário.

Tardif e Lahaye (2005) pontuam que o trabalho docente é feito de interações com outras pessoas, alunos, colegas, pais, gestores da escola, etc., e Contreras (2002) ressalta que a autonomia se forma em um contexto de relações socialmente participativas, é um aprendizado contínuo, uma reconstrução da própria identidade profissional. Portanto, a autonomia do professor e de seu aluno é construída nas interações cotidianas que se fazem no contexto escolar, em que perpassam valores, sentimentos, emoções. O professor tem em suas mãos um grande poder de influir no processo de formação pessoal de seu aluno.

Analisando as primeiras aulas e a postura da professora, fica evidente que ela possuía o *conhecimento para a prática*. Por meio de uma postura crítica e reflexiva percebeu que esses conhecimentos não estavam contribuindo para a formação dos seus alunos. Pode-se afirmar que LouAnne passa a ter o *conhecimento da prática* quando deixa de fragmentar a teoria e a prática, integrando questões sociais ao currículo. Ela passa a considerar o contexto no qual os alunos estão inseridos, atrelando os conteúdos curriculares a questões sociais, culturais e afetivas (Cochran-Smith; Lytle, 1999).

Mesmo inconscientemente, LouAnne utilizou o ambiente escolar como objeto de estudo e pesquisa, pois analisou as relações desse espaço, modificou sua maneira de agir, criando estratégias com o intuito de se aproximar dos alunos por meio de um planejamento, objetivando efetivar verdadeiramente a aprendizagem. Reali e Mizukani (2003) consideram o próprio ambiente escolar local de formação e aprimoramento, fato que foi observado no filme.

[...] nas experiências dos professores, o dia-a-dia da escola é um locus de formação. Nesse cotidiano ele aprende, desaprende, reestrutura o aprendido, faz descobertas e, portanto, é nesse locus que muitas vezes ele vai aprimorando a sua formação. (Reali; Mizukani, 2003, p. 144)

Sem muita experiência, a professora pôde experimentar durante as suas ações no filme todas as racionalidades: a técnica, quando tentou aplicar um

modelo positivista na sua atividade inicial, a racionalidade prática proposta por Schön (apud Pimenta, 2002), quando ela refletiu sobre a realidade que estava à sua frente e propôs novas ações de trabalho, como a leitura de poesias de Bob Dylan e, finalmente, a racionalidade crítica baseada em Habermas e Carr/Kennis (apud André, 2006), quando percebemos no filme que a prática da professora foi capaz de promover uma transformação, trazendo emancipação social.

Relacionando o filme com as pesquisas sobre o professor reflexivo (Pimenta, 2002) e o ciclo de vida dos professores (Cavaco, 1995; Huberman, 1995), podemos apontar que é importante compreender o professor como um indivíduo que tem um processo dinâmico e interativo de maturação minado por desencontros. Esse percurso, portanto, é dialético. Muitas vezes, na análise do ciclo de vida dos professores há a predominância de uma visão determinista da vida profissional. No entanto, observando mais amplamente, percebemos que essa vida está cheia de acasos, condições, opções, tomadas de decisão. A escolha da profissão, portanto, resulta de fatores culturais e sociais de um indivíduo que se relaciona na sociedade. Segundo Cavaco (1995), “as estruturas profissionais interagem com os destinos pessoais que compreendem o quadro de processos coletivos”.

No filme, a professora LouAnne está no início de seu ciclo de vida profissional, cheia de idéias, projetos, intenções e objetivos. Já o professor Hal está no final de seu ciclo de vida e se apresenta cansado, conformado, sente-se impotente diante da realidade imposta. Nessa fase, Hal começa a enxergar as adversidades do trabalho, a falta de perspectivas e o cansaço pelo excesso de tarefas.

O trabalho docente é discutido por Tardif e Lahaye (2005). Para esses autores este trabalho exige uma interação entre professores e alunos. Para compreender suas dimensões é preciso analisar o cotidiano do professor em sala de aula e suas relações com o trabalho. O professor deve formar raízes na sala de aula e na escola. O professor realiza o seu trabalho ao mesmo tempo em que se interroga sobre esse modelo.

O que acontece é que, ao invés de profissionalizar o professor, o estão transformando em proletário da educação, que vende a sua hora de trabalho, executa decisões sem questionar e não tem vínculo com o local de trabalho, perdendo sua autonomia.

A autonomia dos professores, segundo Contreras (2002), se dá na relação e não no isolamento, mantendo certo distanciamento crítico, sendo consciente da parcialidade de nossa compreensão dos outros, numa qualidade de relação com os outros, mas também numa

compreensão de quem somos. Autonomia é, portanto, um conceito social e coletivo construído pela sociedade heterogênea e conflituosa. No filme podemos perceber essas relações entre professor e aluno, aluno e aluno, professor e professor, professores e direção, escola e sociedade. Enfim, as relações com o “outro”, com o poder, a estrutura e as normas da escola.

Para Tardif e Lahaye (2005), o trabalho docente é interativo, então, se dá na relação de poder, na relação com o outro, com suas mediações de ética e afetividade, subjetividade, valores, emoções, crenças, preconceitos, sensibilidade, intuição, tensões, contradições, heterogeneidade, vivências, significados, hábitos. A questão é que o professor trabalha com o objeto humano; ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos. Por isso, é preciso dar sentido ao trabalho docente. A atividade docente não é natural, é cultural, portanto, essas interações humanas são difíceis de controlar.

Apesar de muitos problemas constatados a partir da leitura de textos que abordam a questão profissional do professor, em geral, reconhece-se a capacidade do professor de arriscar, sonhar, alçar novos vãos e não se conformar, refletir e questionar sobre a sua prática. O professor deve ser um constante investigador e ter uma postura crítica e reflexiva.

Constata-se, portanto, que a docência é uma profissão paradoxal. Ao professor é dada a função de atenuar e compensar problemas, lidar com o individualismo, o consumismo e as diferenças sociais, com a capacidade de fazer o aluno refletir criticamente sobre a sociedade.

A docência convive, então, com a hostilidade pública, perda da auto-estima, depreciação da sociedade, perda de autonomia, estandardização das atividades e excesso de regulamentação, aposentadoria antecipada, falta de professores no mercado e líderes educacionais. Mas a ele compete amenizar efeitos sociais e econômicos contemporâneos, como a violência, o individualismo, o mundo virtual, e mostrar a necessidade da vivência comunitária, da democracia e do caráter.

Esgotada a análise da docência, voltamos o nosso olhar agora para os discentes.

Partindo-se do pressuposto que “em nossas sociedades, a escola e, portanto, o professor é o símbolo da igualdade (a escola é aberta a todos) e, ao mesmo tempo, um operador de desigualdades” (Charlot, 2005, p. 80), somos levados a nos questionar sobre o fracasso de alguns alunos, especialmente os oriundos de famílias de classes populares.

Charlot (2005) apresenta três respostas a esse questionamento: há alunos mais ou menos dotados, deficiências socioculturais e fracasso dos alunos.

Pois bem, fazendo uma analogia ao filme “Mentes perigosas”, poderíamos dizer que a professora LouAnne deparou-se com todas as situações supracitadas e buscou alternativas para tentar resolvê-las:

1. Alunos mais ou menos dotados

Uma das estratégias usadas pela professora foi organizar um concurso com o objetivo de incentivar os alunos a estudar em grupos, propiciar a ajuda mútua (uns com mais facilidade, outros nem tanto) e pesquisar em bibliotecas sobre dois escritores (poeta e músico).

O resultado alcançado foi muito satisfatório, pois os alunos não pouparam esforços para fazer relações entre os escritores e produziram textos sobre o solicitado para o concurso.

Todos os participantes foram, de alguma forma, premiados. A professora lançou um desafio, incentivou-os e deu um *feedback* a todos.

2. Deficiências socioculturais

Os alunos apresentados no filme são vítimas do baixo nível cultural de seus pais, das más condições de trabalho em casa, da violência dos bairros e das drogas (Charlot, 2005).

Nas aulas, a professora procurou abordar temas relacionados a essa realidade, tentou administrar conflitos referentes a agressões físicas, visitou familiares dos envolvidos em brigas, tentou conscientizá-los de que são capazes para mudar esse quadro que os acomete socialmente.

3. O fracasso dos alunos

Muitos alunos não conseguem atingir os seus objetivos, reprovam de ano consecutivamente e tornam-se revoltados.

No filme isso é claramente apresentado: alunos rebeldes e sem motivação para nada.

A professora, então, tentou quebrar regras e mostrar que é possível levar os alunos ao aprendizado por meio de variados dispositivos de aprendizagem (grupos de estudos e discussões em sala), tudo isso num ambiente altamente democrático. Reiteradas vezes, a professora LouAnne mencionou que tudo não passava de uma escolha: assistir às aulas, retirar-se da sala, fazer as tarefas, abandonar a escola.

Espera-se que os alunos sejam ativos e colaborativos (relação aluno-professor) e que aquilo que o professor ensine faça sentido para eles. O grande desafio para os professores é encontrar alternativas para conscientizar os alunos sobre a importância do saber e que estes se mobilizem para o aprender.

Segundo Charlot (2005, p. 84), nem alunos, nem famílias, nem os professores são culpados; na verdade não passam de vítimas de uma sociedade

injusta, desigual e que abandona a escola e não valoriza seus professores.

Entretanto, para que isso se efetive, é de fundamental importância que os professores se tornem mais confiantes em suas habilidades de ensinar, mais críticos com relação às regras a que são submetidos em sua comunidade educacional, mais colaborativos quando solicitadas as suas contribuições e que demonstrem iniciativa na montagem de grupos de discussão a fim de que os problemas possam ser compartilhados e as soluções socializadas.

É pertinente destacar que o filme “Mentes perigosas” permite inúmeras reflexões e desperta um grande desejo de transformar a escola num local efetivo de aprendizagem, em que alunos e professores aprendam sempre uns com os outros.

Referências

- ANDRÉ, Marli. Pesquisas sobre formação de professores: uma análise das racionalidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 13., 2006, Recife. *Anais/Resumos...* Recife: UFPE, 2006.
- CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto, 1995. p. 155-191.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- COCHRAN-SMITH, Marilyn; LYTTLE, Susan L. Relationships of knowledge and practice: teacher learning in communities. *Review of Research in Education*, EUA, n. 24, p. 249-305, 1999.
- CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- FIORENTINI, Dario et al. Formação de professores que ensinam matemática: um balanço de vinte e cinco anos da pesquisa brasileira. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, UFMG, n. 36, p. 137-160, dez. 2002.
- FIORENTINI, Dario; NACARATO, Adair M. *Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática*. São Paulo: Musa, 2005.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1995. p. 31-61.

- LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educação & Sociedade*, Campinas: Cedes, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004.
- NÓVOA, Antonio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria e Educação*, n. 4, p. 109-139, 1991.
- NÓVOA, Antonio. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto, 1995. p. 155-191.
- PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-52.
- REALI, Aline M. M. Rodrigues; MIZUKANI, Maria da Graça N. (Org.). *Formação de professores: tendências atuais*. 1ª reimpressão. São Carlos: EDUFSCar, 2003.
- TARDIF, Maurice; LAHAYE, Lessard. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

Recebido em julho de 2007
Aprovado em setembro de 2007

Sobre os autores:

Alunos do Mestrado Minter, uma parceria entre USF e UniFae/Curitiba: Ceres Luehring Medeiros; Eros Pacheco Neto; Fabiana Rodrigues de Oliveira Leal; Giselli Hümmelgen; Glauco I. Foltran; Jorge dos Santos Souza; José Geraldo Turezo; Marcelo Bianchini Fávoro; Régis Ferreira Negrão; Roberto Tadeu Berro; Sonia Regina Mincov de Almeida; Suzete Maria Salvaro Beal e Vivian Ribeiro Drabik.

